REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

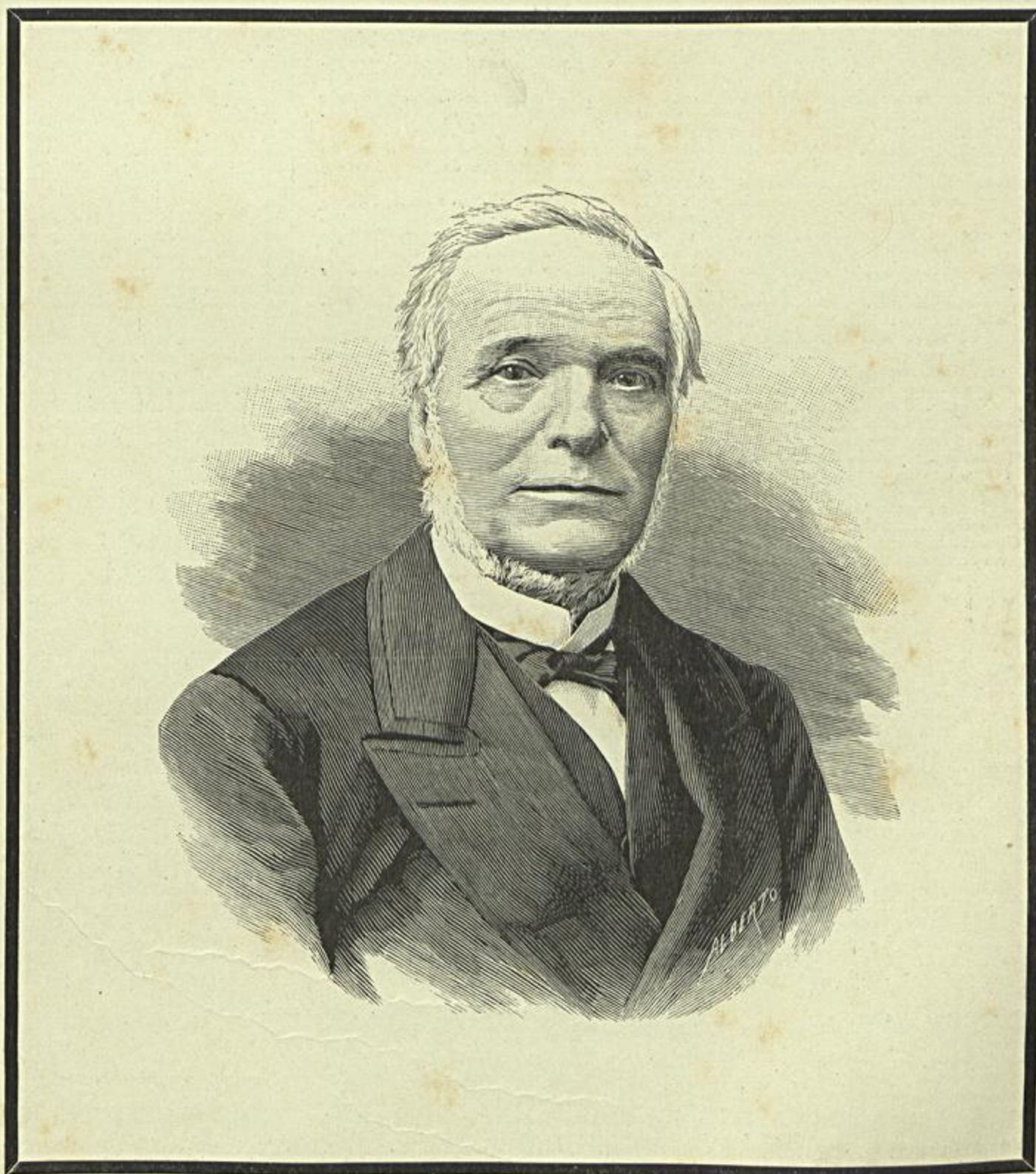
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 387

21 DE SETEMBRO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

MARQUEZ DE THOMAR — FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia de Fratelli Alessandri de Roma)

CHRONICA OCCIDENTAL

O nosso Tejo, o Tejo de chrystal tão cantado pelos poetas lyricos lisboetas, não é no fim de contas tão innocente e bonacheirão como a tranquilidade apparente das suas aguas e a suavidade assucarada d'esses versos o fazem suppor.

Formoso como um mar, como um mar é perfido tambem, mais perfido ainda porque pela sua apparencia d'ordinario calma e serena, inspira uma confiança que muito a miudo trahe.

É grande já a lista dos desastres acontecidos no Tejo, onde a força da corrente é perigosissima, e essa lista foi ha quatro dias lugubremente augmentada por uma enorme e mysteriosa catastrophe, que impressionou profundamente toda Lisboa.

Na segunda feira 16, appareceu n'um jornal de Lisboa, n'um unico — O Correio da Manhã — uma noticia pequena que fez scismar. Dizia essa noticia que reinava grande sobresalto entre os banhistas de Pedrouços, por causa d'um bote que partira no Domingo ás 6 horas da tarde da praia, levando seis cavalheiros alí a banhos, e que tinham embarcado sem catraeiro dizendo que iam apenas bordejar ali por perto e que até ás 11 horas da noite ainda não tinha voltado nem d'elle havia noticia.

«Receiava-se alguma grande desgraça» dizia o jornal.

E effectivamente a desgraça deu-se, e nas condições mais dramaticas e horrorosas que se pode imaginar.

N'essa noite, a noite de domingo para segunda-feira, a praia de Pedrouços foi theatro d'uma verdadeira tragedia d'uma tragedia das mais lancinantes e dolorosas.

No domingo tinha havido uma regata que levara ao logar de Pedrouços, agora cheio de familias que ali estão a banhos, muitas familias de Lisboa.

A regata acabou ás 5 horas da tarde pouco mais ou menos e ás 7 horas appareceram na praia com suas familias o sr. Thomaz José d'Oliveira, irmão do sr. Governador Civil de Lisboa, que ahi estava passando o mez de banhos com sua esposa, um filho e duas filhinhas ainda pequenas, o sr. Joaquim Antonio Leitão, socio da casa de modas Leitão & C.ª do largo dos Torneiros e que ali estava tambem a banhos com sua esposa, uma senhora muito nova ainda com quem casara havia seis mezes apenas, o sr. Olympio Ferreira, guarda livros do escriptorio do sr. Ferreira Monteiro, á Magdalena, com seu filho Alvaro Ferreira, e o sr. José Augusto Botelho Pimentel empregado no caminho de ferro.

Tinham todos estado a vêr a regata, jantado depois e vinham á praia, para, fazendo a vontade aos pequenos, irem dar um passeio pelo rio.

A tarde estava lindissima e o rio tranquillo como um lago.

O banheiro Roque Maia tinha um barco sem quilha—a que chamam *Chata*, denominado *Amelia Maia*.

Era esse barco que o filho do sr. Thomaz d'Oliveira, que tinha 12 annos e o filho do sr. Olympio Ferreira que tinha 9 para 10, ha muito namoravam para o seu passeio.

—Vamos lá fazer a vontade aos rapazes, disseram os paes, vamos dar um passeio na chata.

E dirigiram-se ao Roque para que lh'a cedesse.

O Roque, por um presentimento inexplicavel, teve repugnancia em lhes emprestar a chata, e como tivesse escondido os remos, pretextou a falta d'elles para não a emprestar.

A razão era forte e o sr. Thomaz d'Oliveira e os seus amigos retiravam-se já dizendo que «onde não ha el-rei o perde» e addiando o passeio para outro dia, quando o filho d'elle, Carlos d'Oliveira, o maior influente na festança, foi desencantar os remos lá arrumadinhos a um canto.

Em vista dos remos, o Roque não tinha pretexto rasoavel para deixar de ceder a chata, e os dois pequenos saltaram para dentro d'ella com os paes, os srs. Thomaz d'Oliveira e Olympio Ferreira e mais os srs. Joaquim Leitão e Botelho Pimentel.

Um dos banheiros do Roque ia a saltar tambem para governar o barco, mas os passeantes não quizeram.

—Não precisamos cá de barqueiro. Sabemos remar e manobrar: cá nos arranjamos.

E puzeram-se ao largo, apezar das instancias das senhoras de suas familias, que vendo que era já quasi noite e tendo medo que lhes acontecesse alguma desgraça, lhe pediram que se deixassem d'aquillo.

Elles riram muito d'esses medos, d'essas pieguices de mulheres, e lá foram por ali fóra, dizendo adeus para as familias n'uma grande galhofa.

O barco fez-se depressa ao largo e foi descendo o rio com grande velocidade.

Da praia as familias seguiram com os olhos o barquito até elle se perder de vista lá para as bandas de paço d'Arcos.

Já lá muito ao longe, cá da terra as esposas do sr. Oliveira e do sr. Leitão viram estar no barco a acenar com lenços.

—Estão-nos a dizer adeus por brincadeira, pensaram ellas.

E tirando os lenços da algibeira começaram tambem cá a acenar, muito alegremente!

O barco desappareceu e entretanto a noite foi chegando.

Era já muito escuro e nada do barco voltar.

As senhoras começaram a estar inquietas.

—Tardam, diziam: ter-lhes-hia acontecido alguma cousa?

—Qual historia, com o rio como está, parece de leite, respondiam-lhes as pessoas a quem ellas manifestavam os seus receios, e respondiam-lhes isto não para as animár, mas com profunda convicção, porque ninguem admittia a hypothese d'uma desgraça.

Mas cada vez era mais noite e o barco não apparecia.

A inquietação das esposas e dos mais dos que por lá andavam no barco do Roque ia augmentando terrivelmente e no «Qual historia!» das pessoas que as animavam já não havia a mesma convicção, a mesma confiança da não existencia d'uma desgraça.

E d'ali a horas quasi que havia a certeza d'essa desgraça se ter dado.

Da praia partiram varios barcos correndo o rio em varias direcções á procura da *chata*.

Comprehende-se o estado de anciedade e de afflicção das familias dos desgraçados.

Não quizeram sahir da praia sem elles voltarem o que equivaleu a passarem ali toda a noite, prescutando com olhar avido a negrura que envolvia o Tejo, esperando a cada momento ver surgir o barco.

Muita gente que estava na praia, profundamente consternada com a catastrophe que advinhava, e com o desespero d'aquellas infelizes senhoras, ficou fazendo-lhes companhia toda a noite.

Fizeram-se fogueiras, accenderam-se pharoes chamando todos os barcos, que passavam, para se lhes perguntar noticias da chata.

Mas ninguem a vira, parecia que o mar se tinha aberto com ella.

E assim se passou toda essa noite dolorosa, sem que viesse uma noticia consoladora.

Appellava-se como ultima esperança para uma eventualidade:—a da barca ter ido aportar a qualquer praia distante de cá ou de lá do rio, a algum sitio onde não houvesse comunicações faceis com Pedrouços e então ser preciso dar tempo ao tempo.

E deu se tempo ao tempo e de facto no dia immediato vieram noticias da barca, mas noticias tristes.

A chata *Amelia Maia*, fora finalmente vista, mas vista na bahia de Cascaes, boiando abandonada e tendo dentro um cadaver, o do sr. Thomaz d'Oliveira.

Então as esperanças que já eram poucas desappareceram totalmente.

Tinha-se dado uma grande desgraça: houvera um naufragio.

Como?

Ninguem soube, ninguem sabe ainda e naturalmente nunca ninguem saberá.

A chata appareceu direita tendo deitado sobre os bancos o cadaver do sr. Oliveira, com uma grande ferida na cabeça, ferida que segundo a autopsia, occasionou a congestão que produziu a morte.

Como fôra dada essa pancada? Ignora-se.

Os outros passageiros da barca, o que era feito d'elles?

De mais dois soube-se em breve o que tinha sido feito:—os seus cadaveres appareceram abraçados um ao outro, boiando perto de S. Domingos de Rana. Eram os srs. Botelho Pimentel e Olympio Ferreira.

E o sr. Joaquim Leitão?

E as duas creanças, Alvaro Ferreira e Carlos d'Oliveira?

Até ás horas em que escrevemos ainda não ha d'elles noticias nem os seus cadaveres appareceram e portanto sobre o seu desapparecimento fazem-se ainda conjecturas que podem ser falsas, que não são muito provaveis, mas que podem ser possiveis.

Ter-se-iam salvo todos tres?

Algum d'elles apenas?

Ao certo nada se sabe, entretanto corre com insistencia uma noticia que é verosimil e que oxalá fosse verdadeira.

Diz-se que uns pescadores contaram que no domingo á tarde viram o paquete da Mala Real Portugueza, o *Rei de Portugal* que n'esse dia sahiu para a Africa na sua primeira viagem, recolher perto da barra um naufragο.

Será verdade?

Esse naufrago será o sr. Leitão?

A coisa podia não ser verdadeira mas não era inverosimil, porque se dizia que de todos os que iam no barco o sr. Leitão era o unico que sabia nadar e mais do que isso era um grande nadador.

Ora o não ter apparecido até agora o cadaver do sr. Leitão dá uns visos de possibilidade a esta excellente noticia e não lhe tiram nenhuns o não haver ainda telegramma da Madeira noticiando a chegada do Paquete com naufrago a bordo, porquanto o *Rei de Portugal* não toca na Madeira e o primeiro porto onde pára é em S. Vicente e só d'ahi portanto se podem ter noticias.

E juntamente com este boato corre uma versão da catastrophe que póde ser tambem acceitavel.

É claro que ignorando completamente a causa do naufragio e as suas circumstancias se tem fabricado mais de mil versões, mais ou menos verosimeis, explicando-o: ter cahido um dos remos ao mar—o que era facil porque os remos giravam em forquilha e uma d'ellas estava quebrada—e querendo apanhal-o os companheiros do sr. Oliveira terem cahido á agua, cahindo elle para dentro do barco, o que até certo ponto póde justificar o barco não se ter virado—o ter o barco sido levado pela corrente e ter batido em algum rochedo fazendo-o cuspir os seus tripulantes—o ter a chata sido abalroada por algum barco de maior lotação ter havido altercação de parte a parte, terminando por receber o sr. Oliveira uma pancada na cabeça que o tombou, ao passo que os seus companheiros cahiam ao rio, etc., etc.

E não se fazem senão hypotheses e nada se póde saber sem que a hypothese de se ter salvo algum dos naufragos se realise.

Não se realisando ella, a medonha catastrophe da *Amelia Maia* ficará eternamente envolta no mais impenetravel mysterio.

Em toda esta enorme desgraça ha um promenor lancinante, profundamente tragico se é que se deu.

Pretendem alguns que quando a chata *Amelia Maia* ia já perto de Paço d'Arcos e de bordo accenaram com os lenços, já os que n'ella iam se achavam perdidos e esses accenos eram pedindo soccorro

Na praia as desgraçadas familias d'esses desgraçados tomaram esses accenos por um gracejo e responderam lhes accenando tambem com os lenços, dizendo-lhes adeus a brincar.

E quanto mais de lá redrobavam esses accenos mais augmentavam de cá provavelmente ainda.

A esposa do sr. Leitão, o naufrago que ainda não appareceu e ácerca de quem ainda ha algumas esperanças, estava gravida.

Na sua enorme afflicção tentou por varias vezes suicidar-se, lançar-se ao rio que lhe levára seu marido, e o abalo que soffreu foi tão grande que teve um parto prematuro, sendo grave o seu estado.

Que enorme, que indisivel alegria não seria a d'essa pobre senhora se a versão do *Rei de Portugal* for verdadeira e se puder ainda abraçar vivo e são seu estremecido esposo.

Infelizmente parece que a versão é falsa, porque um dos pontos em que accentava está já officialmente desmentido, o ser o sr. Leitão grande nadador. Não sabia nadar sequer, está hoje provado pelos testemunhos dos seus amigos, e portanto as esperanças d'esse bom final do pequeno e tragico romance maritimo vão-se esvaecendo. Entretanto o cadaver ainda não appareceu e isso já é uma esperança.

Que ella se realise é o que do coração desejâmos.

Gervasio Lobato.

O MARQUEZ DE THOMAR

Suum cuique.

Desde que vigora em Portugal o systema de governo monarchico-representativo, nenhum ministro da corôa tem sido nem mais violentamente, nem mais injustamente aggravado, quer na sua vida publica quer na particular, do que foi Anto-

nio Bernardo da Costa Cabral, marquez de Thomar. Tambem nenhum outro, antes e depois d'elle, dispôz de mais força, logrou mais prestigio, e prestou mais devotado culto ao principio da auctoridade.

Como o conde de Castello Melhor e o marquez de Pombal,—no antigo regimen—o marquez de Thomar teve na sua mão os destinos de Portugal, e todos estes tres ministros eram dotados de um caracter de ferro, que parece no mesmo molde se havia fundido.

Para o marquez de Thomar o poder foi sempre uma questão de temperamento; ambicionava-o, porque tinha necessidade da lucta. Doutrinario, como Guizot, igualava-o na pertinacia com que procurava aniquilar os seus inimigos, quando era vencedor; ou manter a disciplina, evitar as deserções, e retemperar o vigor dos seus correligionarios, quando era vencido.

No parlamento, os seus discursos tinham a eloquencia da logica, não brilhavam pelas galas da rethorica. Sem jámais o intimidar o fogo das hostes disciplinadas do adversario, nem o tiroteio das guerrilhas, affrontava o perigo com coragem inexcedivel.

No maior calor da refrega, a sua estatura, pouco mais de mediana, tomava proporções giganteas; os seus olhos scintillantes, espelho da sua perspicacia, da energia e firmeza do seu espirito, parecia que lançavam chispas vivissimas; a sua voz elevava-se, dominando completamente a camara; e com um gesto suberbo apontava para os seus inimigos, cobrindo-os de sarcasmos, aguçando-lhes sem receio as iras, esmagando-os sob o peso de uma replica implacavel. Mas, não olvidando, sequer por um momento, o respeito que devia a si proprio e ao sanctuario augusto das leis, interrompia a sua argumentação cerrada e vigorosa, para dizer: «não deve a camara extranhar, que eu falle com mais alguma vivacidade, quando tomo parte n'estas discussões; porque, álem de ser este o meu modo de orar, devo ainda ser desculpado pelo calor que tomar contra as aggressões que tão injustamente me são dirigidas.»

Na sessão de 12 de janeiro de 1850, estando a responder ao conde de Lavradio, proferiu elle, na camara dos pares, as seguintes palavras:

«Eu desejava que os meus adversarios politicos apresentassem a resenha dos seus actos, d'onde tem resultado ou o aperfeiçoamento da legislação, ou o melhoramento do credito e confiança publica, e sobre tudo dos interesses do paiz. É sómente por esta fórma que se póde esclarecer a questão: pela minha parte não tenho duvida em aceitar o debate, e em confrontar os meus actos com os de ss. ex.as: venham a este campo, e abandonem as banalidades e os discursos, que por serem revestidos de phrases escolhidas, e flores oratorias, não deixarão nunca de ser classificados de outra fórma, que não seja um aggregado de palavras e nada mais.»

A verdade é que os seus adversarios não aceitaram o répto, e preferiram lançar-se nos braços da revolução, para derribar o omnipotente ministro.

Na sessão de 15 de janeiro, isto é, tres dias depois, na mesma casa do parlamento, estava fallando, ainda na discussão do projecto da resposta ao discurso da corôa, e foi interrompido por um rumor das galerias. Fez uma pequena pausa, e voltando-se depois para estas, disse: «Estou admirado de que haja alguem fóra d'esta camara, que entenda que póde interromper por qualquer fórma o meu discurso. É preciso que se entenda bem que dentro d'esta casa os espectadores têem rigorosa obrigação de conservar-se mudos e na mais perfeita ordem. Ao digno presidente d'esta camara compete fazel-a observar; e tem para isso os meios na lei; mas se estes forem insufficientes o governo prestará todos os que se julgarem indispensaveis.»

Estas palavras foram cobertas de applausos pela assemblea, e as galerias emmudeceram.

O marquez de Thomar nunca teve medo.

Alguns segundos depois, accrescentou, com a hombridade propria do seu caracter austero e honrado:

«Se a guerra toda é contra a pessoa do presidente do conselho: se elle é immoral; se é indigno de exercer este cargo, seja a opposição explicita: tenha a opposição a coragem de formular as suas accusações: assim o exige a justiça: assim o reclama a dignidade dos dignos pares. Se o não fizerem, hão de permittir que lhes diga, que só por hypocrisia invocam os principios de moral, de justiça e de religião. É só por tal fórma que esta camara poderá bem avaliar a accusação e a defesa. Eu emprazo os meus adversarios politicos a virem a este campo; e para que não possam allegar ignorancia sobre cada uma das infames calumnias que têem servido de objecto para a polemica dos periodicos por mais de dois mezes, vou apresentar o catalogo de todas ellas, para que os dignos pares da opposição se façam cargo de as discutir todas, parte d'ellas, ou uma só, á sua vontade, como quizerem.»

Entre essas accusações, de cuja falsidade não é licito hoje duvidar, enumerou duas, que provocaram a hilaridade geral da camara: uma era, que Costa Cabral tinha um tinteiro de ouro; e a outra, que possuia a garrafeira mais rica e mais abundante de vinhos de todas as qualidades.

No tempo do marquez de Thomar, a familia liberal portugueza dividia-se em dois partidos politicos, bem organisados, de idéas definidas, sem que tivessem, ao formar-se, publicado programmas pomposos, que cumpririam certamente, se os houvessem elaborado, porque sabiam que a nação podia exigir-lhes estreitas contas, e não era facil illudil-a com promessas, quem pretendesse especular com ella. O chefe do partido cartista era o marquez de Thomar, e, porque elle meditava, professava e praticava a liberdade dentro dos limites da legalidade, denominavam-n'o conservador, e por isto mesmo, reaccionario. Não lhe consentiam os adversarios, que preferisse o uso moderado da liberdade ao abuso d'ella.

Ora este dá os resultados que todos nós presenciamos actualmente, isto é: o indifferentismo politico, que é o mais claro symptoma da nossa corrupção social; o descredito das instituições e dos homens que as dirigem; o impudor com que tão repetidas vezes se escreve na imprensa periodica; as publicações licenciosas que por ahi circulam aos olhos dos poderes publicos, sem o mais leve reparo, e que vão envenenando lenta e subtilmente a sociedade portugueza; ignorados por muitos, e tão impiamente offendidos por alguns, os santos principios da religião e da familia; a cega ambição das riquezas, que faz commetter os actos mais infamantes até aos que exercem os altos cargos da republica, e persuadir aos menos illustrados que ser pobre é uma vergonha; a carencia absoluta de interesse pelo bem commum; emfim a descrença e a immoralidade a que chegámos, depois de quasi quarenta annos de paz octaviana, dando assim Portugal um exemplo novo, singularissimo na historia, de ser a paz a causa da ruina de um Estado, e não um elemento essencial da sua prosperidade, como se tinha reconhecido sempre.

E o marquez de Thomar ainda viveu o tempo preciso, para ver tão mal comprehendidos, tão criminosamente adulterados os principios de um systema de governo, que elle com tantos sacrificios ajudou a implantar!

Parece que Portugal é povoado hoje por uma raça differente d'aquella que existia na primeira metade d'este seculo!

No periodo revolucionario, durante o qual o marquez de Thomar pertenceu por differentes vezes aos conselhos da corôa, a grande alma popular possuia aquellas virtudes civicas que robustecem ainda os mais combalidos na religião do dever. O povo tinha a consciencia do que valia, era crente, e aspirava á realização de uma idéa, que se avolumava e revestia de cores brilhantes nos sonhos da sua imaginação ingenua. Por isso, e porque da sua boa fé abusaram emfim alguns homens de talento, ambiciosos do poder, e por ventura persuadidos de que pelos seus processos mais facilmente o paiz attingiria o grau de perfeição, que todos anhelavam, o povo chegou a não crêr no amor acrisolado, que o marquez de Thomar consagrava á liberdade, a não comprehender mesmo a existencia d'ella dentro da orbita da lei.

Não censuro o povo, nem condemno quem o desvairava. Antes desculpo os excessos de todos, porque todos se expunham, porque todos arriscavam a fazenda e a vida, para firmar o novo systema de governo de modo que não ficasse esquecida uma só das franquias populares.

Geração de bravos!

O marquez de Thomar, reliquia veneranda d'esse passado glorioso, tendo assistido ainda aos calamitosos tempos, que vão correndo, elle que tanto amou a sua patria, e conservou até o ultimo instante a lucidez do seu espirito, quantas vezes lamentaria intimamente a sorte de Portugal!

Na vida d'este grande homem ha factos tão interessantes, qne o conhecimento d'elles hade importar necessariamente, a quem, tendo sciencia, e consciencia, escrever alguma vez com desassombro e lealdade a historia politica do reinado de D. Maria II.

Um dia o conde do Tojal, sendo ministro da fazenda, foi muito afflicto dizer ao marquez de Thomar, seu collega no gabinete, que um personagem, poderoso amigo da situação, requerera o pagamento de trezentos contos de réis, que devia o Estado a uma pessoa da familia d'esse correligionario, em virtude de antigas contas que o mesmo Estado tivera com alguem, cuja herdeira universal aquella pessoa foi. Como as circumstancias do thesouro eram as mais precarias, e não permittiam realizar tão avultada somma, o conde do Tojal mostrou empenho em sair do ministerio, por se ver na difficuldade invencivel de satisfazer de prompto o pedido d'aquelle tão prestante amigo. O marquez de Thomar observou-lhe unicamente, que se não tratava de saber, se no thesouro havia ou não dinheiro para pagar a divida; mas de averiguar se existia esta, pois, no caso affirmativo, facil era celebrar um accôrdo com o crédor, para o embolsar da importancia por meio de prestações que se ajustassem.

Assim esclarecido e animado, resolveu o ministro da fazenda examinar o processo das antigas contas a que se referia a petição, e lá encontrou um recibo geral, em que se dava por pago e satisfeito aquelle com quem o Estado fizera as transacções. O requerimento foi, pois, indeferido, e o presidente do conselho, que era o duque da Terceira, encarregou-se de dar conhecimento do despacho ao interessado, que replicou: «quando se trata de negocios de amigos, não se vão procurar papeis velhos.»

E desde esse dia tornou-se o mais encarniçado inimigo do marquez de Thomaz, a quem elle attribuira o indeferimento; porém mal avisado andou, porque deu d'esse modo direito a não se pôr em duvida, que requera de má fé.

Outro facto.

Em certa occassião verificou-se na secretaria da justiça que fora nomeado um juiz de direito para a comarca da sua naturalidade. O marquez de Thomar, que era então o ministro, mandou ficar sem effeito o decreto d'aquella nomeação, e lavrar outro, que collocava o agraciado em melhor comarca. Apparece-lhe, porém, na secretaria o commandante da guarda municipal de Lisboa, e pediu-lhe com a maior instancia, que mantivesse o primeiro despacho. O marquez respondeu ao official, de quem era amigo, que não podia annuir ao seu empenho, porque se oppunha a isso o artigo 88.º da reforma judiciaria por elle feita, havia apenas tres annos. O official replicou, que não instava já como amigo, mas exigia como commandante da guarda municipal que o ministro desfizesse o que tinha feito.

Esta exigencia tão insolita teve a resposta que merecia: «pois o ministro da justiça ordena ao commandante da guarda municipal, que saia immediatamente pela porta por onde entrou.»

Depois de mais esta prova da energia indomavel de Costa Cabral, a revolta de Torres Novas não se fez esperar.

Amizades verdadeiras são as que têem por interesse exclusivo a sua duração.

Ninguem ignora que a existencia de dois partidos politicos é essencial á vida dos governos constitucionaes, porque previne os movimentos irreflectidos e precipitados, e permitte que as innovações passem pelo seu periodo de florescencia até o seu estado de maturação completa.

Um dos partidos é propriamente o do movimento, o outro é o da resistencia. Assim combinadas estas forças sociaes, tão oppostas, podemos comparal-as com as forças centripeta e centrifuga que presidem á ordem no universo. O paiz, onde esta combinação providencial faltar, está fatalmente condemnado ou á immobilidade chineza, ou ás convulsões da revolução, em que, como Saturno, devorará seus proprios filhos, e chegará mesmo a morrer com elles. Mas seria licito duvidar da illustração e das convicções liberaes d'esses partidos, se porventura esquecessem que toda a opinião politica, proveniente de uma crença forte e honesta, é respeitavel e deve ser respeitada. Esta condição torna-se indispensavel á existencia da ordem actual das cousas, em que a opinião publica é a unica rainha do mundo. D'aqui se deriva naturalmente que, se na opposição feita a um estadista alguem ultrapassa os limites do respeito, que é obrigado a tributar ás suas opiniões, esse alguem despe a nobre armadura de cavalleiro, sáe do campo leal do combate, e vae para a praça publica exhibir esgares indecorosos de histrião. Deixa de luctar, para injuriar. Ora quem injuria não póde justificar, que professa os principios liberaes, porque a liberdade não é instrumento de rancores e de torpezas; por consequencia os que injuriaram o marquez de Thomar, ou não eram liberaes ou nos momentos em que a paixão os cegava, offenderam a liberdade inconscientemente. Demonstrar que o primeiro ministro de D. Maria II foi um homem liberal, affigura-se-nos desnecessario; como tambem seria ocioso repetir o que todos sabem, que foi elle o iniciador dos melhoramentos materiaes do paiz, inaugurando-se na sua administração

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1889

O PAVILHÃO PORTUGUEZ NO CAES DE ORSAY - Vid. artigo Exposição Universal de Paris de 1889, pag. 202

(Desenho do natural por L. Freire)

os trabalhos da viação publica; que reformou a instrucção, fazendo publicar o decreto de 20 de setembro de 1844, e os regulamentos de 29 de novembro de 1845, de 1 e 24 de dezembro do mesmo anno e o de 30 de janeiro de 1846 «sobre a organisação administrativa dos theatros em geral, e fundação do theatro nacional de D. Maria II, em especial,» mandando igualmente construir um edificio proprio para o estabelecimento da Escola Normal de Lisboa; que publicou emfim a novissima reforma judiciaria de 21 de maio de 1841, que é um padrão indisputavel da sua gloria.

Luctando sempre, levando de vencida os obstaculos, dominando os accontecimentos, realizou o salutar perceito da publica administração: *acquirere vires eundo*, que é tambem a divisa do progresso sabiamente comprehendido.

Esta a nossa convicção profunda; este o sincero juizo que formamos do estadista insigne que tão assignalados serviços prestou á sua patria.

Se as estatuas significassem o tributo pago por um paiz á memoria de seus filhos mais benemeritos, Portugal tinha obrigação de lembrar-se do marquez de Thomar.

O grande ministro morreu, onde devia morrer: no Porto, que é o mais firme baluarte da nossa liberdade, e a terra portugueza que mais generosas demonstrações de consideração e sympathia lhe tinha dado.

Quando o marquez de Thomar entrou na ultima morada para dormir o somno eterno, disse-me commovido, um velho e honrado estadista, seu amigo: «sepultaram-se com elle as glorias do meu tempo!»

19, setembro de 1889.

Zephyrino Brandão.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Antonio Bernardo da Costa Cabral, filho de Antonio Bernardo da Silva Cabral e de D. Francisca Victoria Rebello da Costa Corte-Real, nasceu em Fornos d'Algodres a 9 de maio de 1803.

Foi eleito deputado pela provincia oriental dos Açores, ás cortes que se abriram pela primeira vez extraordinariamente a 15 de agosto de 1834, e fecharam, por dissolução, em 14 de julho de 1836.

Tornou a ser eleito, pela mesma provincia, para a nova camara, cuja abertura, fixada para o dia 15 de agosto e depois adiada para 11 de setembro de 1836, não chegou a realizar-se, por se haver feito a revolução de setembro e proclamado a constituição de 1822.

Pelos mesmos povos, para o congresso constituinte, cujas sessões começaram em 18 de janeiro de 1837 e terminaram em 4 d'abril de 1838.

Foi nomeado administrador geral interino de Lisboa, por decreto de 7 de março de 1838, e exonerado, a seu pedido, por decreto de 7 de dezembro do mesmo anno.

Reeleito deputado pelo circulo de Trancoso, para a legislatura que teve principio em 9 de dezembro de 1838 e findou, por dissolução, a 25 de fevereiro de 1840.

Por Castello Branco e Trancoso, para a que começou em 25 de maio de 1840 e terminou, por dissolução, a 10 de fevereiro de 1842, em que novamente foi restabelecida a Carta Constitucional da monarchia.

Pelas provincias da Extremadura, Minho, Douro, Beira Alta e Beira Baixa, para a legislatura que teve começo em 10 de julho de 1842 e foi encerrada a 20 d'abril de 1845.

Nomeado conselheiro de Estado effectivo, por decreto de 30 de dezembro de 1843; demettido d'este cargo, por decreto de 14 d'agosto de 1846; e restituido ao mesmo por decreto de 22 de dezembro de 1847.

Nomeado par do reino, por carta regia de 26 de dezembro de 1844.

Elevado á nobreza do reino, com o titulo de conde de Thomar (em duas vidas), por decreto de 8 de setembro de 1845.

Agraciado com o titulo de marquez de Thomar (em duas vidas), por decreto de 11 de julho de 1878.

Foi ministro da justiça, desde 26 de novembro de 1839 a 9 de junho de 1841, e n'esta data nomeado novamente para este mesmo cargo, que exerceu até 26 de janeiro de 1842.

Ministro do reino, desde 24 de fevereiro de 1842 (Restauração da Carta) até 20 de maio de 1846 (Revolução do Minho).

Ministro da justiça (interino), desde 27 de junho de 1844 a 24 de julho de 1845, e novamente interino, de 21 d'abril a 20 de maio de 1846.

Presidente do conselho de ministros, de 18 de junho de 1849 a 26 de abril de 1851, gerindo a pasta do reino.

Foi Ministro Plenipotenciario junto das cortes de Madrid e do Rio de Janeiro; embaixador junto da Santa Sé; condecorado com a Gran Cruz das ordens de Christo e da Torre Espada, com a commenda da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; com o Grande Collar e a Gran Cruz da ordem de Carlos III da Hespanha; com a Gran Cruz das ordens de S. Gregorio Magno e de Pio IX; da ordem imperial da Rosa do Brazil; da Aguia Branca da Russia; da ordem militar de S. Mauricio e S. Lazaro, da Italia, do Nitchen Iftiaz de 1.ª classe com brilhantes da Turquia; de Leopoldo da Belgica; e da ordem Ernestina de Saxe-Coubourg.

Falleceu no dia 1.º de setembro de 1889, na Foz do Douro.

O CASTELLO DE GUIMARAES

Dos monumentos do passado que ainda hoje se encontram no nosso paiz, nenhum outro tem mais jus á veneração dos portuguezes, que o castello de Guimarães, berço da monarchia portugueza o que importa dizer berço da nossa nacionalidade, porque esta nasceu com aquella.

No excellente livro do sr. Vilhena Barbosa intitulado *Monumentos de Portugal* encontramos larga noticia a respeito do castello de Guimarães, que nos diz ter sido elle fundado pela condessa Mumadona na povoação de Vimarães, hoje Guimarães, estabelecida em volta do mosteiro de Nossa Senhora e do Salvador do Mundo, mais tarde de Nossa Senhora da Oliveira, por ella fundado tambem, para defeza da povoação, e refugio dos religiosos em caso de alguma invasão dos mouros, como de facto aconteceu.

Foi, segundo parece, pelos annos de 900 da era christã que o castello seria fundado, e por morte da sua fundadora esta o doou ao mosteiro.

«N'este castello, da invocação de S. Mamede e doado ao mosteiro pela condessa Mumadona, estabeleceram a sua residencia, e a sua côrte na qualidade de soberanos de Portugal, o conde D. Henrique de Borgonha e a sua mulher a rainha D. Thereza. Nos paços d'esta fortaleza, dos quaes ainda restam bastantes vestigios para se ajuisar da sua architectura, e divisões interiores, nasceu D. Affonso Henriques, o illustre fundador da monarchia, aos 25 de julho de 1109.»

CASTELLO DE GUIMARÃES

(Segundo uma photographia do photographo amador Sr. Claro Outeiro)

Assim se lê no citado livro *Monumentos de Portugal* do sr. Vilhena Barbosa, quando trata da Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães, tratando mais adiante, em especial, do Castello de Guimarães, em um artigo tão noticioso quanto excellentemente elaborado, que não nos podemos furtar ao desejo de aqui o transcrevermos com a devida venia:

I

Tratando da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, ficou ahi commemorada a fundação do castello de Guimarães pela condessa Mumadona.

Nos fins do seculo XI as humildes choupanas, que tinham procurado abrigo á sombra das muralhas do castello de Dona Muma, haviam-se transformado em moradas de casas de melhor construcção e estas tanto se tinham multiplicado, que formavam uma grande povoação com o nome de Guimarães. Foi aqui, pois, que os novos condes de Portugal, D. Henrique e D. Thereza, vieram estabelecer a sua côrte, preferindo-a á antiquissima cidade de Braga, provavelmente em attenção á segurança que lhes offerecia aquelle bem construido castello.

Procederam a ligeiras reparações na fortaleza e construiram n'ella uns paços para sua residencia, se é que não se aproveitaram dos que a condessa fundadora teria edificado para sua habitação, quando os serracenos a constrangessem a deixar o claustro para se refugiar no visinho castello.

Viveram n'estes paços o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza a maior parte do tempo durante a constancia do matrimonio. N'elles nasceu e foi creado D. Affonso Henriques.

Depois da morte do conde D. Henrique, succedida no anno de 1114, continuou Guimarães a ser séde da côrte de Portugal durante o governo da rainha D. Thereza, e do seu filho, o infante D. Affonso Henriques, até este principe a transferir para Coimbra, onde o esperavam as honras da realeza.

No decurso d'este periodo foi o castello de Guimarães theatro de importantes acontecimentos.

Primeiramente foram scenas de discordia, provocadas pelos amores do conde D. Fernando Peres de Trava, com a rainha D. Thereza, que alienaram da mãe o affecto e obediencia do filho, e da soberana o respeito e lealdade dos vassallos, acabando por expulsal-a do governo. Depois foi o facho da guerra que veiu açoutar as muralhas do castello.

Correndo o anno de 1127, D. Affonso VII rei de Castella e Leão pôz o castello de Guimarães em apertado cêrco, para obrigar seu sobrinho, o infante D. Affonso Henriques, a reconhecel-o por suzerano. Tambem este assedio ficou commemorado pelo acto de dedicação do fiel aio de D. Affonso Henriques, D. Egas Moniz, que salvou o principe e a fortaleza dos horrores de um longo cêrco, e talvez do perigo de cahirem em poder dos sitiadores, obtendo, pelo credito da sua palavra e pelo respeito que inspirava a sua pessoa, que o monarcha leonez levantasse o sitio e se recolhesse ao seu reino.

Mais tarde, decorridos quasi dois seculos, foi uma scena de rebeldia, que ahi se passou, durante as funestas discordias do infante D. Affonso, herdeiro da corôa, com el-rei D. Diniz, seu pae. Depois de ter assolado muitas terras do reino, em differentes provincias, deixando assignalada a sua passagem com roubos, morticinios, e sacrilegios, pois que nenhum crime, por mais atroz que fosse, era defeso aos malfeitores, que o acompanhavam, e que formavam a principal parte da sua hoste, foi sobre Guimarães. Corria então o anno de 1323, da éra de Christo.

Tendo-se-lhe entregado com pouca ou nenhuma resistencia as cidades, villas e castellos por onde fizera caminho, taes como Santarem, Leiria, Coimbra e Porto, esperava o infante que a villa de Guimarães e o seu castello lhe franqueassem do mesmo modo a entrada. Não succedeu, porém, assim, com grande espanto e indignação do principe rebelde. A's suas intimações para que se lhe rendesse o castello, respondeu o leal e intrepido alcaide, Mem Rodrigues de Vasconcellos: «Que recebera o castello e a villa das mãos do seu soberano, a quem prestára homenagem, e só a elle ou á sua ordem os entregaria.»

Vendo o infante baldadas as mais seductoras promessas, e as mais terriveis ameaças, poz a villa e o castello em apertado cêrco e por espaço de dez dias repetiu os assaltos quasi sem descanso para os combatentes. Porém, o valor com que os sitiados, á voz do corajoso alcaide Mem Rodrigues de Vasconcellos, repelliam os ataques, ficando sempre victorosos; e a noticia que o infante recebeu de que el-rei D. Diniz, seu pae, indo em seu seguimento, entrára em Coimbra, e mandára justiçar os individuos que mais se tinham pronunciado n'aquella cidade pela rebeldia do filho, levantou apressadamente o cêrco, e partiu em direcção a Coimbra, resolvendo na mente mil projectos de vingança.

Os rogos e lagrimas da rainha Santa Isabel, conseguiram ainda mais uma vez suspender os furores da guerra civil, congraçando o pae com o filho. E foram estas as ultimas pazes entre D. Diniz e D. Affonso, não porque melhorasse a ruim condição do filho, mas sim porque o indulgente pae não sobreviveu muito tempo a este derradeiro e triste episodio da sua vida.

(Continúa) *I. de Vilhena Barboza.*

AS NOSSAS GRAVURAS

NOVO TEAR PARA FITAS (SYSTEMA MORAES)

A fabricação rapida e barata das fitas tem sido até agora um problema a resolver na industria da tecelagem, por falta de um tear que torne o mesmo fabrico economico, evitando os inconvenientes que até aqui offereciam o movimento das laçadeiras, não permittindo a rapidez necessaria na producção.

Este problema foi ultimamente resolvido pelo sr. Moraes distincto ex-discipulo do Instituto Industrial com o aperfeiçoamento que fez no tear para fitas que permitte quatroplicar a producção d'este artefacto.

Depois de um aturado estudo o sr. Moraes conseguio fazer um tear que satisfaz perfeitamente as exigencias do fabrico rapido e portanto economico.

A innovação principal do tear do sr. Moraes consiste precisamente nas laçadeiras guiadas por uma regua e que lhe permitte alcançar a velocidade de 300 a 400 pancadas por minuto.

Este tear, que a nossa gravura reproduz foi executado nas officinas da Empreza Industrial Portugueza, e figura hoje na exposição de Paris para onde partiu ha pouco, por não se ter concluido mais cedo.

O sr. Moraes tirou previlegio do seu invento em varios paizes da Europa, e a *L'Industrie Textil* revista mensal que se publica em Paris occupa-se largamente d'este invento portuguez no seu numero de janeiro d'este anno.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 384)

Mas voltemos a relatar os factos pela sua ordem chronologica.

Quando Garibaldi chegou a Roma a republica romana estava ameaçada da intervenção armada de algumas potencias catholicas.

Ao passo que os francezes chegavam ás portas de Roma, os exercitos de Napoles ameaçavam o lado do sul, os de Hespanha do lado da Umbria e os da Austria do lado de Veneza.

A 30 de abril, Garibaldi collocado á frente de uma columna do exercito romano repelle os francezes que sob o commando do general Oudinot se dispunha a fazer a sua primeira investida sobre Roma, occasionando-lhes perdas tão graves que os negocios mostraram tendencias de serem tratados diplomaticamente entre as duas republicas.

Chegou a haver uma suspensão d'armas. O general Oudinot limitou as suas operações ao territorio que tinha por base Civitta-Vechia, e o triumvirato romano tratou de fazer face a outros inimigos contra os quaes só a força armada poderia reprimir os impetos.

Um dos combates mais valerosos do exercito romano foi o que teve por objectivo a derrota do exercito napolitano composto de 20:000 homens, commandados pelo rei de Napoles, batido das suas posições de Albano, Velletri e Palestina.

A 15 de maio de 1848 tentaram de novo as tropas do rei de Napoles, ganhar esta ultima posição, porem Garibaldi á frente do exercito romano derrota os napolitanos occasionando entre os vencidos um terror tão geral que o rei de Napoles só a custo consegue escapar das mãos dos republicanos.

Garibaldi com tres a quatro mil homens e sem artilheria vencera mais de dez mil providos de muitos canhões.

Todos os prisioneiros foram unanimes em affirmar que Garibaldi no campo de batalha tinha artes de se multiplicar por tal fórma que chegava a parecer mais um demonio do que um homem.

Garibaldi seguia em perseguição dos napolitanos quando a sua presença foi reclamada em Roma.

Em consequencia de um desaccordo entre o embaixador francez Mr. de Lesseps e o general Oudinot, a guerra entre as republicas franceza e romana, de novo se tornara inevitavel.

De regresso a Roma Garibaldi encontrou já começada a lucta entre os dois exercitos.

O romano compunha-se apenas de 18:000 homens, quando muito; 16:000 nacionaes e 2:000 italianos ou estrangeiros. A artilheria era composta de peças de todos os calibres das quaes tres partes não estavam em estado de servir.

Era impossivel com tão deficientes elementos poder defender Roma, uma cidade com 20 milhas de circumferencia, d'um exercito composto de 45 batalhões de infanteria, 8 esquadrões de cavallaria, 76 peças de campanha, 70 peças de sitio e uma companhia de mineiros.

As tropas francezas pôem cerco a Roma e a assembléa nacional decretando a sua defeza nomeia Garibaldi commandante militar e encarrega-o de organisar as barricadas, conjunctamente e de accordo com uma commissão presidida por Cernuschi.

Roma devia defender-se até á ultima extremidade.

As fabricas de armas trabalhavam de noite e de dia.

O primeiro cuidado dos romanos foi minarem a ponte Mollé, perigosa estrada aberta aos francezes

Eis como Clemence Robert allude ás barricadas, em que se empregaram homens de todas as condições, mulheres e creanças terminando por essa circumstancia em poucos dias tão collossal trabalho.

«Das margens do Tibre aos montes Esquilino e Quirinal o solo estava coberto de barricadas.

«Por toda a parte, ao lado dos templos antigos, dos obeliscos, dos arcos de triumpho, dos mausoleus, appareciam esses novos edificios, esses baluartes da defeza popular.

. . . .

«A principal barricada era a do Capitolio, erguida ao pé da grande estrada que conduz ao antigo monumento das grandezas da velha Roma. Ia-se até lá pela rua outr'ora chamada *Via Sacra* ou *Triumphal*.

«Foi resolvido que esta barricada recebesse a benção da egreja, Garibaldi como chefe militar presidiu á ceremonia.

«N'essa noite todos os edificios de Roma estavam festivamente illuminados.

«O vasto e magnifico recinto do Colyseu, o Forum, o arco de Tito, o templo de Venus, as columnas, os obeliscos estavam semeados de muitos arabescos de luz.»

Era por meio de uma festa em que o enthusiasmo se dividia por mil manifestações de patriotismo que o povo de Roma se preparava para receber o inimigo que lhe batia ás portas.

De 2 para 3 de junho, antes de começar o ultimo e decisivo combate, em que a sorte de Roma fatalmente se havia de decidir, Garibaldi foi chamado á presença do triumvirato que presidia aos destinos da republica romana, para dar a sua opinião sobre o desenlace que havia a esperar.

Garibaldi julgou inevitavel a victoria dos francezes, mas disse que era de parecer que Roma se defendesse emquanto fosse possivel.

A's 3 horas da madrugada resoou um tiro de peça, era o signal de que ia começar a segunda investida dos francezes á cidade dos Cezares. Os membros do conselho de defeza correram ás trincheiras.

Garibaldi ainda tentou fazer recuar o inimigo, porém só pôde constrangel-o a sustentar o cerco a uma cidade, que segundo a opinião dos francezes, não poderia por muitos dias oppor-lhes resistencia e que o sustentou terrivel e corajosamente durante um mez.

Garibaldi n'este periodo praticou verdadeiros prodigios de audacia. Durante uma noite tempestuosa chegou até ás avançadas francezas e encravou-lhes a artilheria. D'outra vez vendo que um caçador de Vincennes matara um a um todos os artilheiros que serviam a bocca de fogo, que estava fazendo sensivel destroço n'uma columna de ataque, chega-se a ella, carrega-a, applica-lhe o morrão e inutilisa esse perigoso inimigo.

*

* *

Era porém inevitavel ceder á força.

«Toda a cidade se desmoronava sob o chuveiro continuado das balas e dos morteiros.

«Os monumentos deixavam cair uma a uma suas pedras consagradas. Mais de cento e cincoenta bombas explosivas foram lançadas para dentro de Roma no dia 29 de junho. O velho Transtevero fôra incendiado pelos foguetes de «Congréve». As estatuas da Aurora, de Guido, e de Pompeu, caíram em pedaços. O templo da *Fortuna* estava demolido e arrasado; por toda a parte, choviam esmigalhados pelo fogo da artilheria restos de primores de arte da antiguidade.»

Os viveres faltavam aos sitiados, escreve Leydanier, as munições de guerra iam tambem faltar e não se ouvia a mais pequena murmuração.

Os feridos passavam para os hospitaes gritando ainda: *Viva Roma! Viva a Italia! Salvae a Independencia! Salvae a republica!*

As 2 horas da manhã do dia 30 de junho os francezes rompem as trincheiras de defeza por tres lados e marcham em columnas compactas sobre a cidade.

Garibaldi vendo perdida de todo a esperança,

abandona a defeza, depois de trinta dias de lucta e sae de Roma a 3 de julho com 4:000 homens de infanteria e 400 de cavallaria, atravessando as linhas inimigas.

Entretanto a republica romana caía e no proprio dia em que Garibaldi saía de Roma, era arvorado o estandarte do papa no castello de S. Angelo.

(Continúa.)

Julio Rocha.

INCOMPATIBILIDADES POLITICAS

Nunca é tarde para se fallar de uma obra de verdadeiro merito.

E' por isso que hoje nos occupamos do opusculo que nos foi graciosamente entregue pelo seu auctor o digno par do reino D. Luiz da Camara Leme.

Incompatibilidades politicas, é o titulo do trabalho curiosissimo de um estadista e parlamentar distincto.

Curioso, porque a par de uma vastissima erudição historica vem replecto de factos abundantes de verdade e convincentes pela racionabilidade.

Bem argumentado, todo o assumpto que compõe o livrinho *Incompatibilidades politicas*, é desenvolvido n'um estylo desataviado de atticismos mas poderoso de vigor elegante, o que o torna lido com interesse, mesmo por aquelles que mais affastados ou entediados andem pelas escaramuças da actual mesquinhez politica.

Não vemos fins politicos, na acepção moderna da palavra, á publicação *Incompatibilidades politicas*, e por isso não hesitamos em acompanhar o seu illustrado auctor em muitas das suas affirmações. E não lhe vemos *fins politicos* porque tanto um republicano como um monarchico de qualquer das subdivisões, progressista, regenerador, independente ou esquerdista, poderia ter assignado as *Incompatibilidades* pois que para isso apenas necessitava uma qualidade. — ser honrado.

Póde ser discutida a maneira de applicação da doutrina ali expressa, póde divergir-se do seu modo d'execução, é certo; mas o que ninguem de boa consciencia e coração limpo póde deixar de acceitar é a necessidade da existencia da *Lei de incompatibilidades!*

O proprio auctor d'este projecto de lei, o sr. D. Luiz da Camara, declara que o seu intuito não é politico e muito menos inspirado pelo desejo de lançar suspeitas sobre ninguem. E como confirmação transcrevemos as palavras do sr. Luiz: *«O meu unico desejo era libertar os homens politicos de todos os partidos de suspeitas que os desauctorisam perante a opinião publica, que não póde ver com olhos complacentes que os negocios publicos estejam entregues a membros do parlamento e a ministros suspeitos de anteporem os interesses proprios aos sagrados interesses da Nação.*

O sr. D. Luiz da Camara Leme expõe em seguida as razões porque não passou na camara alta o projecto das Incompatibilidades, e apresenta n'um largo e erudito retrospecto a historia parlamentar das nações civilisadas desde a actualidade passando pela França de Napoleão III, da republica de 1848, de Luiz XVIII e da republica de 1792; pela Russia e Hespanha modernas; Constituição de 1778 dos Estados Unidos; leis inglezas; e entre nós as leis das *Constituintes* de 1822 as cartas de lei de Pombal, decretos e cartas regias dos seculos XVII e XVIII, as celebres *Leis extravagantes* tão conhecidas pela collecção de Duarte Nunes de Leão, até ás Ordenações *Manuelina* e *Affonsina*.

É um bello trecho de historia politica do mundo livre e civilisado!

E, francamente, n'esta epocha de enganos e malsinações conforta-nos o espirito vêr um trabalho sincero, sem outro alvo que não seja o expresso no mesmo trabalho.

E, repetindo os nossos agradecimentos ao antigo ministro d'estado, o nosso amigo sr. D. Luiz da Camara, pela attenção da lembrança de fiar de nós a critica do seu valiosissimo livro,—terminamos com as mesmas palavras com que abrimos esta ligeira noticia: nunca é tarde para falar de uma obra de verdadeiro merito. Recommendamol-a aos estudiosos e a todos os que estimam conhecer a verdadeira historia.

M. B.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

E no meio d'essa balburdia toda, uns tratando de accudir ao conselheiro cahido, outros burrifando a Viscondessa desmaiada, outros desatando á pancadaria á cobra capitaneados pelo padre Bernardino que a agredia violentamente a murro, ninguem pensou no pobre Quim, que estatelado na calha da agua fazia esforços desesperados para se pôr em pé, o que não conseguia, porque as mãos escorregavam-lhe pelas paredes limosas do cano e todas as suas tentativas terminavam por ir de novo chapinhar na agua como um pato marreco.

E só depois da ordem restabelecida, da Viscondessa accordada, do conselheiro levantado e da cobra partida em diversos bocados é que foram ouvidos os gemidos plangentes que o Quim soltava nadando quasi em secco, debruços, na calha, já farto de beber agua da mina.

A Ermelinhas, que muito solicita andara até ali tratando da Viscondessa, só então ouviu a voz do sangue accordar á voz fraterna e correu a salvar o mano.

O Visconde, as filhas, e o padre Bernardino, o vencedor da cobra, secundaram-n'a valentemente e ajudaram o Quim a pôr-se em pé, erguendo-o em charola, porque d'outra fórma não era possivel tiral-o d'ali.

O pobre Barradas estava n'um estado deploravel, coitadito! Parecia duas pessoas; uma enxutissima como se andasse a passear no Chiado, outra ensopada como se estivesse dentro d'uma tina!

Por detraz estava secco como um arenque.... secco: mas por diante estava uma sopa.

E uma sopa suja, demais a mais, por que tinha a cara, as mãos, e o collete todo cheio de limos verdes do cano...

Ao mesmo tempo o Quim sentia-se incommodadissimo.

Não era só do trambulhão e do susto, era tambem e principalmente da enorme quantidade d'agua que lhe entrara pela bocca dentro, e que lhe fizera do estomago um tanque aonde nadavam as costelletas de Carneiro e os biffes com batatas do amargurado almoço.

—Toca a despir, toca a despir, disse logo o Visconde, como homem pratico, toca a despir, que n'esse estado póde apanhar uma doença.

—Já se vê, é preciso mudar já de fato, approvou a menina Guida rindo muito do aspecto comico do Quim e da cara grotesca d'enjoado e de alagado com que elle estava, mas tendo ao mesmo tempo muita pena do seu poetico cantor.

—Mas o que hade elle vestir? perguntou a Viscondessa aproximando-se.

—Qualquer coisa; este fato é que elle não pode conservar em cima de si mais tempo, tornou o Visconde.

—Isso está bem de ver, confirmou o padre Bernardino.

—Pois sim, mas o peior é que nós não temos cá nenhum fato teu, disse a viscondessa a seu marido.

—Ó demonio? não me lembrava d'isso!.. exclamou o Visconde. Não me lembrava que estava aqui só a passar um dia e que todo o meu fato está em Lisboa.

—Não faz mal, sr. Visconde. eu fico assim muito bem, disse o Quim não querendo dar incommodo, isto secca já.

—Qual secca! contestou a menina Guida apalpando-lhe o casaco e o collete que estava alagado: nem que estivesse tres horas ao sol isso seccava.

—Então elle hade se pôr a enxugar ao sol como a roupa da lavadeira! commentou a menina Lulu.

—Já se vê que não, respondeu o Visconde, hade de arranjar qualquer fato ali que se lhe vista.

—Olhe o fato do caseiro, lembrou a Guida.

—Só se for esse, disse a Viscondessa.

—Mas o Matheus é muito mais baixo e muito mais gordo que o sr. Quim, respondeu a Lulu.

—O que tem isso! contestou logo o Visconde; já se vê que elle não se vae vestir para parecer bem, nem para ir para uma soirée, é apenas para remediar e para isso tudo serve.

—Comtudo é melhor irmos já ver isso, disse a menina Guida morta pela galhofa de ver o effeito que havia de fazer o Quim com a farpella do caseiro.

—Está visto, approvou o padre Bernardino; até lhe póde estar a fazer mal estar aqui assim ensopado.

—Vamos lá, ordenou a Viscondessa. E rompeu a marcha, seguida pelo Quim e por toda a mais gente que acompanhou o cortejo, cortejo que era fechado pelo Visconde levando as cartas e caixas dos tentos e pelo padre Bernardino que segurava triumphante na mão direita, como um tropheu de victoria, a cabeça da cobra que elle matára!

*
* *

Chegados a casa tentou-se logo de arranjar o fato.

A menina Guida e a Ermelinhas é que foram á barraca do caseiro buscar a roupa.

O Mathias muito lisongiado com a honra que queriam fazer á sua farpella, escolheu a melhor que tinha, na andaina domingueira, toda de panno azul claro, um verdadeiro pedaço de ceu de verão que nos dias de festa fazia o espanto e a inveja de todos os caseiros das freguezias circumvisinhas.

O Quim quando viu o fato que lhe destinavam ia tendo uma syncope.

—O que! Eu heide vestir isso! exclamou elle aterrado, contemplando o azul celeste das calças e do casaco do Mathias.

—Sim senhor, é o que ha, respondeu a Guida.

—Nada, isso não visto, prefiro antes apanhar uma pneumonia.

—Não te ponhas com toleimas, disse-lhe a sua irmã Ermelinhas.

—Não visto, já disse.

A menina Guida ficou desconsoladissima com esta decisão, que lhe tirava o delicioso espectaculo para que ella se preparava já com agua na bocca.

Finalmente seu pae, o Visconde interveio com toda a sua auctoridade de dono de casa e de director da companhia dos seguros.

—O que é isso!

—É o sr. Quim que não quer vestir o fato do Mathias.

—Ora essa! Então o sr. quer ficar assim!

—Não faz mal nenhum, já está quasi escuro.

—Até parece uma desfeita ao Mathias, coitado; que emprestou o fato melhor que tinha tão contente e com tão boa vontade accrescentou insidiosamente a menina Guida para fazer mais força.

É feio.

O Visconde voltou-se para o Quim e disse-lhe n'um tom que não admittia replicas:

—Vista esse fato.

O Quim baixou a cabeça obediente e resignado.

De repente vira surgir dentro do Visconde, o director dos seguros. Aquelle «vista esse fato» fora-lhe dito com o mesmo tom imperioso de superior com que no escriptorio muitas vezes o Visconde lhe ordenava «faça esse officio».

E o Quim habituado á obediencia passiva de amanuense, do mesmo modo que fazia logo os officios, vestiu immediatamente o fato!

Quando elle sahiu para fóra do quarto estourou sem ser ensaiado um côro unisono de gargalhadas.

Effectivamente o Quim estava irresistivel com o fato azul celeste do caseiro.

As calças ficavam-lhe pelo meio da perna: no casaco cabiam tres troncos de Quins; e a cara compromettida, apoquentada, sacrificada do irmão da Ermelinhas completava brilhantemente o extraordinario effeito comico da sua apresentação.

Até o Visconde não poude deixar de rir, e observou com uma graça que não estava muito nos seus habitos:

Ó homem, você vestiu-se para banho depois de o tomar!

E de facto o fato domingueiro do Mathias parecia no corpo do Quim Barradas exactamente um *costume* de banho.

Todos estes episodios da cobra, do susto, da queda do Quim, do seu passeio atravez da quinta, da mudança de *toilette* e da sua apparição de fato azul tinham levado parte do dia, e quando as meninas riam ainda a bandeiras despregadas do pobre Quim, e até o conselheiro Mimoso se promettia fazer alli o seu bocadinho de troça, a criada veio annunciar que estava o jantar na meza.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Até que emfim temos uma noticia de sensação para a nossa revista, uma noticia que se esperava com anciadade nos varios circulos politicos, entre os partidos militantes, nos centros azues e nos ver-

melhos, salvo seja, nas lojas de barbeiro e nas boticas de aldeia, nas arcadas do Terreiro do Paço, e nas bodegas do torreano etc. etc:

O *Diario do Governo* publicou um d'estes dias o decreto que manda proceder ás eleições geraes para deputados, no dia 20 de outubro proximo, transferindo para o dia 3 de novembro as eleições municipaes da camara de Lisboa.

Eis a grande novidade que temos a annunciar, se o leitor a não sabe já, porque ella circula ha dias e não é licito que nenhum cidadão contribuinte a ignore, tanto mais depois da discussão que o tal decreto tem produzido na imprensa opposicionista que o acha illegal e arbitrario, por contender com as eleições municipaes, transferindo-as para mais longe afim de evitar choques perigosos nas carreiras dos eleitores para a urna.

A nós parece-nos de todo o ponto previdente o decreto, porque não podendo realisar-se no mesmo dia as duas eleições alguma d'ellas se devia fazer antes ou depois. Calhou ser primeiro a dos deputados ás côrtes e calhou bem para mais cedo se tirarem de incertezas os que andavam já a gritar pela urna como por pão para a bocca, sem que d'estas nossas palavras se deprehenda que elles tem fome, isto é apenas uma figura de rethorica e nada mais.

Quando se trata de zelar os interesses da patria não se pensa na barriga. Esta inimiga que nos acompanha desde o berço é como se não existisse, e se assim não fôra onde nos levaria o seu insaciavel devorismo, por onde ficariam as leis, onde se refugiaria a justiça vilipendiada e desprezada, o que seria do civismo, emfim que immoralidades não campeariam por ahi se todos n'estes momentos solemnes não desprezassem esta vil cavidade que nos atraiçoa, cegando-nos os olhos da alma para não vermos o perigo em que incorremos.

D'esta vez o povo saberá excercer a sua soberania. Cada cidadão será um Catão. Olhos na patria e olhos na urna candida e pura como a innocencia do paraiso.

As alvas listas não ficarão manchadas por mãos impuras ou pelo menos sujas.

O governo porá a disposição dos eleitores os sabonetes precisos para se lavarem, e aos candidatos fornecerá barrelas de infundisse para que lhes não fique o mais tenue vistigio de mancha que possam ter, e depois de assim limpos do corpo serão purificados da alma mediante confissão geral a que se seguirá profissão de fé no altar da patria, para que só obedeçam á lei e á justiça, tal qual como d'antes.

E' isto o que preoccupa todos os cidadãos que se interessam pela politica do seu paiz. E' sob estes principios patrioticos que já se jogam facadas preventivas para os que não partilharem das mesmas ideias, embora partilhem d'outras semelhantes, e como quem me avisa meu amigo é, acabarão todos por se entenderem, mais facada, menos facada, porque se assim não acontecesse corria-se o risco de quando chegasse o dia das eleições, a urna ficar erma de votos, porque os eleitores teriam ficado todos espetados nas navalhas preventivas, exactamente como as batatas do carneirinho apetitoso adobado a colarau picante.

Não succederá tal. A bonacheirisse que caracterisa o bom povo não desmentirá as tradições eleitoraes. Cada eleitor com o seu fato domingueiro e devidamente lavado como fica dito, se encaminhará pacifica e conscientemente para a urna a depositar o seu voto no candidato que melhor lhe encher as medidas, e depois de concluido o solemne acto, terá o deputado que merece!

Que mais querem?!

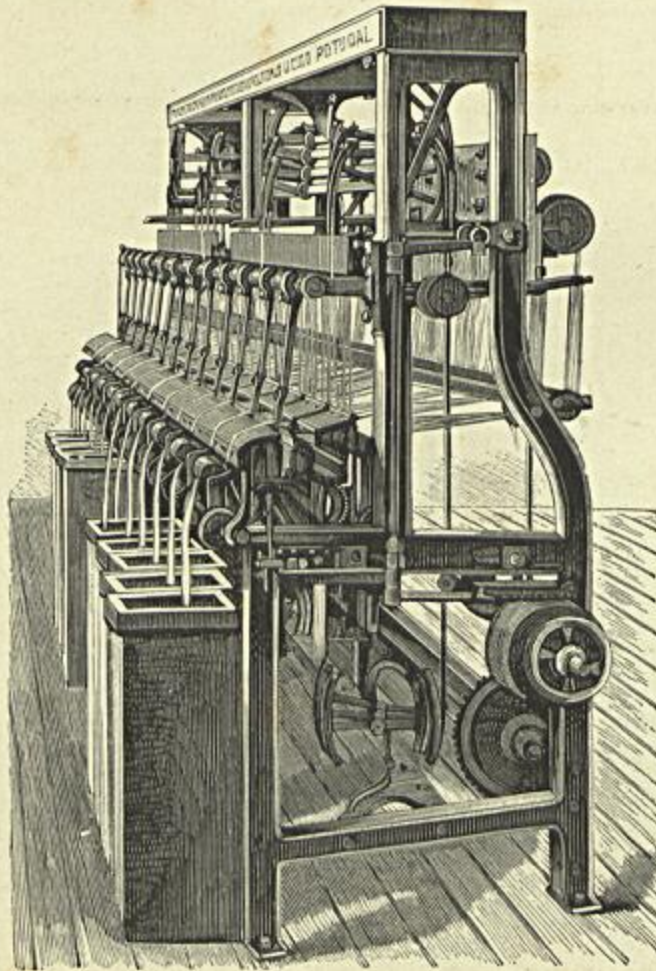
João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Sua Alteza o Principe D. Carlos — Chegou a Paris no dia 13 do corrente Sua Alteza o Principe D. Carlos de regresso da visita a Turim conforme noticiámos no nosso ultimo numero. De Paris partiu para Portugal no dia 14, demorando-se em Hespanha a visitar a Rainha Regente, que está em San Sebastian.

Sua Alteza almoçou com a Rainha e depois assistiu a uma festa maritima de bordo do *Destinctor*. A' noite houve um banquete no paço em sua honra, findo o qual Sua Alteza partiu no comboio em direcção a Lisboa, onde chegou no dia 17 ás 7 horas e 40 minutos da manhã.

Foram esperal-o á estação do Cacem sua esposa a princeza D. Amelia, o sr. duque de Orleans e o sr. Infante D. Affonso, seguindo todos em carroagem para Cintra.

Sua Alteza o Principe D. Carlos dirigiu-se logo para o paço real a visitar El-Rei e a Rainha. Depois retirou para a quinta do Relogio onde está com sua esposa.

NOVO TEAR PARA FITAS

Systema Moraes

Reducção de Tarifas. A Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes acaba de fazer grande reducção nas tarifas de transporte de mercadorias e gados, nas suas linhas.

É de summa vantagem para o commercio esta reducção, podendo os interessados requisitarem da mesma companhia os mappas das tarifas que ella distribue gratuitamente.

Instituto Photographico. — Sob este titulo acaba de se fundar em Lisboa um estabelecimento onde os amadores photographicos podem encontrar todo o auxilio para os seus trabalhos.

N'este estabelecimento alem de se fornecer todo o material e ingredientes necessarios para a photographia, tambem se encarrega de revelar os clichés e dar todas as explicações praticas sobre os processos photographicos.

Monumento a Almeida Garrett. — O Atheneu commercial do Porto tomou a iniciativa para se levantar um monumento a Almeida Garrett. A idéa é de tal ponto justa e sympathica que nos parece escusado encarecel-a, e unicamente damos a noticia para que ella tenha a maxima publicidade, porque estamos certos que ninguem medianamente illustrado deixará de concorrer com a sua quota, grande ou pequena, para que seja levado á execução um monumento ao maior poeta portuguez do nosso seculo.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Album phototypico *e descriptivo das obras de Soares dos Reis, precedido d'um perfil do grande artista*, pelo dr. Alves Mendes. Edição do Centro Artistico Portuense. Porto, typographia Occidental, 1889. Primorosa edição na parte typographica e nas phototypias que illustram os tres fasciculos que temos presente e são: um retrato de Soares dos Reis em ponto grande; uma vista interior do atelier do grande estatuario, onde se vêem diversos estudos e modelos de algumas das estatuas feitas pelo insigne esculptor; uma reproducção da estatua o *Desterrado*, a obra prima de Soares dos Reis; uma reproducção da estatua do Conde de Ferreira que figura no tumulo d'este benemerito da instrucção popular. O distincto orador sagrado rev.º conego Alves Mendes principia o perfil de Soares dos Reis, e com todos os primores do seu estylo começa a pôr em relevo a obra do artista, cinzelando com a penna bellezas não inferiores ás que o esculptor cinzelou no marmore. O artista da palavra vem completar o artista da esculptura.

Esta edição é um verdadeiro monumento dedicado ao grande esculptor portuguez d'este seculo.

Orlando Furioso, por Ariosto com illustrações de Gustavo Dorè. vertido em portuguez por Xavier da Cunha. Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1889. Fasciculo especimen d'esta edição luxuosa e cujo merito litterario é inutil encarecer sabendo-se da fama que a acompanha e que levou Gustavo Doré a illustral-a com o seu phantasioso lapis, n'uma soberba edição franceza de que a presente é uma reedição em portuguez,

A versão portugueza é em prosa, feita com o esmero e sciencia da lingua que distinguem todos os trabalhos litterarios do sr. Xavier da Cunha, antigo collaborador do Occidente.

É de esperar que o *Orlando Furioso* tenha bom acolhimento no publico.

A Formosa Conspiradora, por Pierre Zaccone, traducção de Cunha e Sá, com illustrações. Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1889. Volume III d'este romance prefeitamente moderno e que está tendo em Lisboa a mesma extraordinaria acceitação que teve em Paris.

Adolpho, Modesto & C.ª — impressores

25 a 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 a 43